

NÚMEROS MELHORES NO AGRONEGÓCIO MINEIRO EM FEVEREIRO

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Ph.D
 Arlei Luiz Fachinello, Dr.
 Adriana Ferreira Silva, Ms.
Equipe Cepea

1. Apresentação

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio mineiro, estimado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Esalq/Universidade de São Paulo (Cepea/Esalq/USP), com o apoio da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg) e da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais (Seapa), apresentou retração de 0,24% em fevereiro. Com os dois primeiros meses do ano amargando taxas negativas, o recuo acumulado do agronegócio do estado ampliou-se para 0,63% em 2009 (Ver Figuras 1 e 2 e Tabela 1).

No agronegócio da *agricultura*, o desempenho foi praticamente nulo em fevereiro, com taxa de 0,05%. Mas, em relação a janeiro, isso representa uma melhora. Dentro da porteira (segmento primário ou básico), a queda se desacelerou, com recuperação de preços e volume de importantes atividades agrícolas do estado, como o café, cana-de-açúcar, milho e soja. Já na indústria agrícola, os resultados continuam melhores que os verificados no início de 2008.

No agronegócio da *pecuária*, a *performance* de fevereiro foi negativa, com taxa de -0,53% (-0,55% em janeiro). Isso elevou para 1,07% a taxa de retração acumulada em 2009. O desempenho mensal e também o acumulado do ano são ruins em todos os segmentos da pecuária, sendo as taxas muito semelhantes. O nível de preços médios das carnes e leite, nesses dois primeiros meses de 2009, é inferior ao verificado no mesmo período de 2008, com exceção da carne de frango.

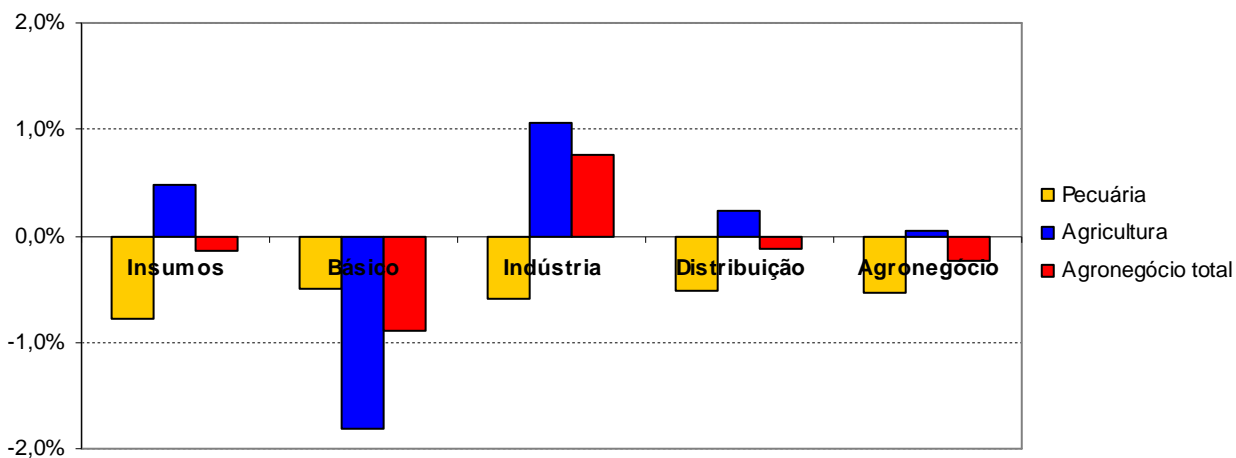


Figura 1 - Taxas de crescimento no mês de fevereiro de 2009 (%)

Fonte: Cepea-USP / FAEMG / SEAPA.

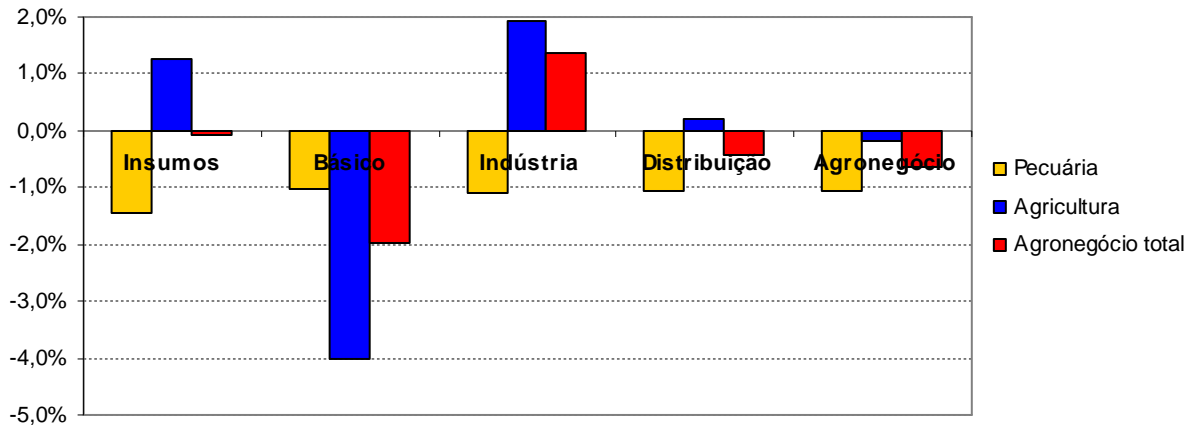


Figura 2 - Taxas de crescimento acumuladas de janeiro a fevereiro de 2009 (%)

Fonte: Cepea-USP / FAEMG / SEAPA

Nota: Em função de algumas estatísticas de volume de produção não terem sido divulgadas até o momento, não foi possível acrescentá-las no cálculo do PIB de janeiro e fevereiro. Esse é o caso do abate de animais, produção de leite e derivados, ovos de galinha e das agroindústrias de carne. Logo, para esses produtos, são avaliadas preliminarmente apenas variações de preço.

2. Resultados e discussão

2.1 Estimativas de valor do PIB do Agronegócio de MG

O agronegócio mineiro inicia 2009 com um PIB estimado para o ano de R\$ 93,3 bilhões (a preços de 2009). O agronegócio da agricultura deve responder por R\$ 47,00 bilhões ou 49,94% e o agronegócio da pecuária, por R\$ 46,7 bilhões ou 50,06% (Ver Tabela 3).

2.2. Evolução dos segmentos que formam o PIB

O agronegócio da *agricultura* apresentou leve crescimento em fevereiro, com taxa de 0,05%, amenizando a *performance* ruim de janeiro (-0,23%). No acumulado do ano verifica-se retração de 0,18%. Tanto o resultado mensal como o acumulado indicam o desempenho ruim observado dentro da porteira (-1,81% em fevereiro e -4,03% no acumulado). Quando não é o preço em queda, é o volume de produção esperado em baixa que acarreta desempenho ruim do segmento (Veja Figura 4). No mesmo período de 2008 (janeiro e fevereiro) verificava-se expansão de 4,92% no segmento básico. Nos segmentos de insumos, indústria e distribuição, os resultados de fevereiro e acumulados deste ano refletem leve expansão – no acumulado, temos 1,27%, 1,92% e 0,19%, respectivamente.

No agronegócio da *pecuária*, fevereiro se encerra com retração de 0,53%, chegando à taxa negativa de 1,07% no ano. A retração continuou no segundo mês do ano, mantendo aproximadamente o mesmo ritmo de queda do mês anterior nos quatro segmentos. Em insumos, a

taxa de fevereiro foi de -0,77%, no segmento básico, de -0,49%, no segmento industrial, de -0,59% e no de distribuição, de -0,52% (Veja Figura 2).

- Insumos:

O segmento de insumos do agronegócio (agricultura + pecuária) recuou 0,14% em fevereiro, acumulando taxa quase nula, de -0,08%, no ano. Esse resultado é bem diferente do verificado em 2008, quando a taxa de fevereiro foi de +4,00% e no acumulado já chegava a +8,06%. Para 2009, os resultados indicam menor volume de vendas do que em 2008 e preços ainda mais elevados em fertilizantes e corretivos de solo; alta de preços e volume de combustíveis e lubrificantes e queda de preços em alimentos para animais.

Do lado da agricultura, a *performance* do segmento de insumos em fevereiro foi de expansão de 0,48%, desacelerando em relação ao mês anterior (0,78%). No acumulado, o crescimento é de 1,27%. Tanto os preços de fertilizantes como os preços e o volume de combustíveis recuaram.

Do lado da pecuária, o desempenho do segmento de insumos em fevereiro foi negativo, com taxa de -0,77% (-0,67% em janeiro). Assim, a retração acumulada nesses dois primeiros meses é de 1,44%. Essa *performance* deriva especialmente da intensa queda de preços dos alimentos para animais. Destaca-se o recuo do nível de preço médio do milho neste início de ano comparado com o verificado no início de 2008 (aproximadamente 32% menor).

Veja na Figura 3 as taxas de crescimento dos ramos de insumos não-agropecuários estimadas para o ano de 2009, tomando como base os preços médios e as estimativas anuais de produção até fevereiro de 2009. Na Tabela 8 são apresentados os números dos setores que compõem o segmento.

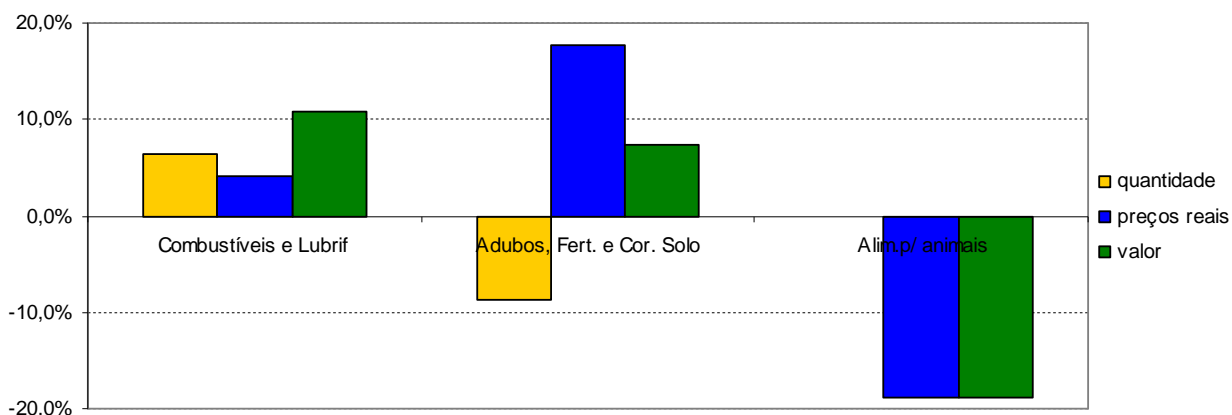


Figura 3 - Crescimento do volume, dos preços reais e do faturamento dos insumos (%aa) – 2009/08

Fonte: Cepea-USP / FAEMG / SEAPA (elaborado a partir de dados da FGV, ANP, ANDA e IBGE).

- Atividades dentro da porteira:

As atividades dentro da porteira mantiveram tendência de retração em fevereiro, com taxa de -0,90% (-1,08% em janeiro). Com isso, o recuo acumulado ampliou-se para -1,97%. No mesmo período de 2008, as atividades dentro da porteira estavam em alta, com crescimento de 4,74%. Já o contexto atual é de preços e produção em baixa para a maioria das culturas.

Nas atividades agrícolas, observa-se aumento das receitas com a produção de cana-de-açúcar, batata-inglesa, tomate e arroz. Para a batata-inglesa, tomate e arroz a queda da produção esperada vem sendo superada pelo aumento de preços. Já na cana-de-açúcar, o leve aumento de preços se soma às expectativas de aumento da produção.

Por outro lado, as atividades de café, milho, soja, feijão, carvão vegetal, mandioca, laranja, banana e algodão herbáceo devem sofrer com a queda de renda. No caso do café, a queda de produção esperada, próxima de 20%, não é acompanhada pelo aumento de preços, amargando até então números desanimadores. O carvão vegetal também apresenta queda acentuada de preços e produção (Ver Figura 4). No conjunto das atividades dentro da porteira, a taxa acumulada de retração é de 4,03%, sendo de -1,81% em fevereiro e de -2,26% em janeiro.

No grupo das atividades da pecuária, fevereiro também teve desempenho ruim, com taxa de -0,49%. Assim, no acumulado dos dois primeiros meses a retração foi de 1,03%. Enquanto os preços médios dos bovinos e do frango vivo estão em alta, suínos vivos, ovos e leite amargam quedas acentuadas. Veja, na Figura 5, o crescimento de volume, preços reais e faturamento das atividades primárias da pecuária estimado para 2009, tomando como base os preços médios e as estimativas anuais de produção.

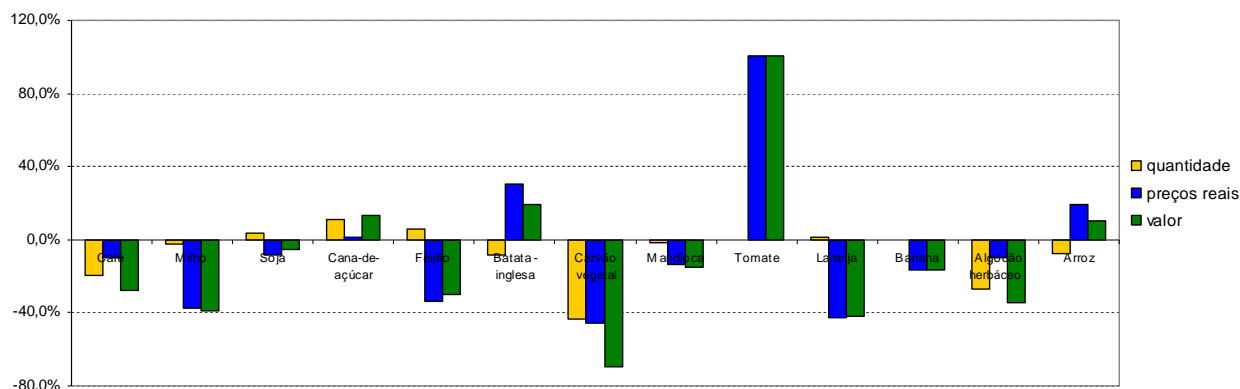


Figura 4 - Crescimento do volume, preços reais e faturamento das lavouras (%aa) – 2009/08

Fonte: Cepea-USP / FAEMG / SEAPA (elaborado a partir de dados do CEPEA, IEA, AMS, FGV e IBGE).

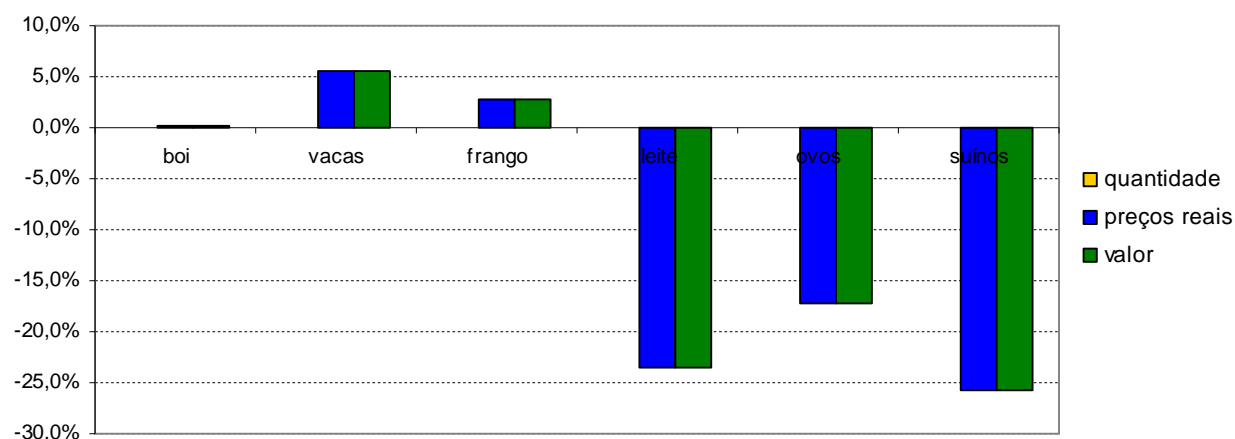


Figura 5 - Crescimento do volume, preços reais e faturamento da pecuária (%aa) – 2009/08

Fonte: Cepea-USP / FAEMG / SEAPA (elaborado a partir de dados do CEPEA, AVIMIG e IBGE).

- Atividades da indústria:

Enquanto as atividades dentro da porteira passam por maus momentos, a indústria vem apresentando resultados mais animadores. Em fevereiro, a expansão foi de 0,77% (0,66% em janeiro), ampliando, assim, para 1,38% a taxa acumulada. Preços e volume em alta para importantes atividades industriais no estado neste ano, comparados com o início de 2008, conduzem ao desempenho observado.

Na indústria de base agrícola, o crescimento em fevereiro foi de 1,06% (0,85% em janeiro), ampliando para 1,92% a expansão acumulada. O aumento de preços do café, do fumo e do açúcar contribuiu para o resultado mensal positivo. No ano, somente a indústria de álcool e açúcar possui indicações de bons resultados para 2009, frente aos números de 2008; no ano passado, porém, a indústria do açúcar amargou queda de preços de quase 40% (Ver Figura 6 e Tabela 11).

Já para a indústria de base pecuária, em fevereiro, o ritmo de retração se manteve, com taxa de -0,59% (-0,50% em janeiro). Preços em baixa de carnes e leite vão indicando um ano de dificuldades. Enquanto no acumulado dos dois primeiros meses de 2008 essa indústria crescia a taxa de 4,14%, em 2009 observa-se retração de 1,09%.

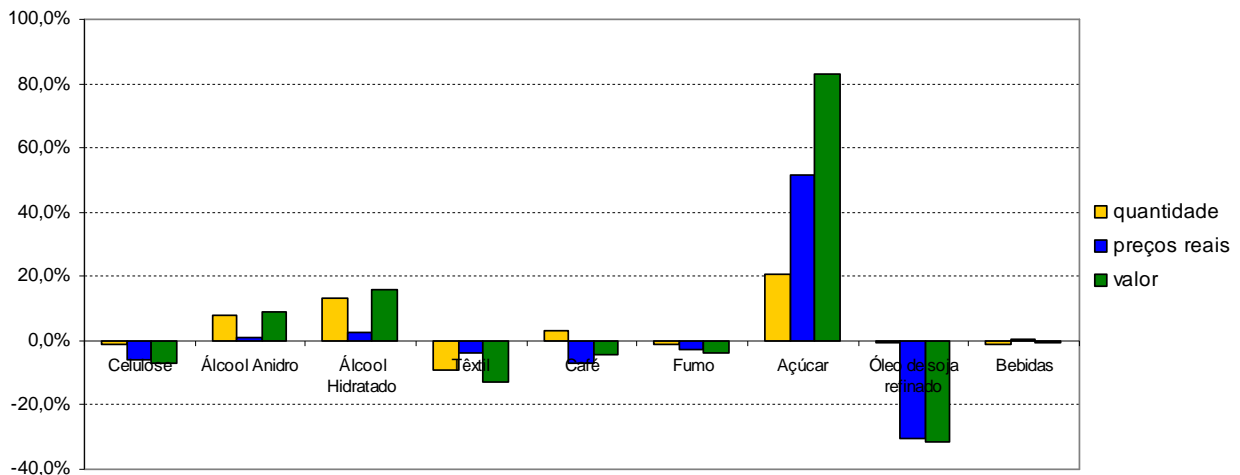


Figura 6 - Crescimento do volume, preços reais e faturamento da agroindústria vegetal (%aa) – 2009/08

Fonte: Cepea-USP / FAEMG / SEAPA (elaborado a partir de dados da FGV, Unica e Abiove).

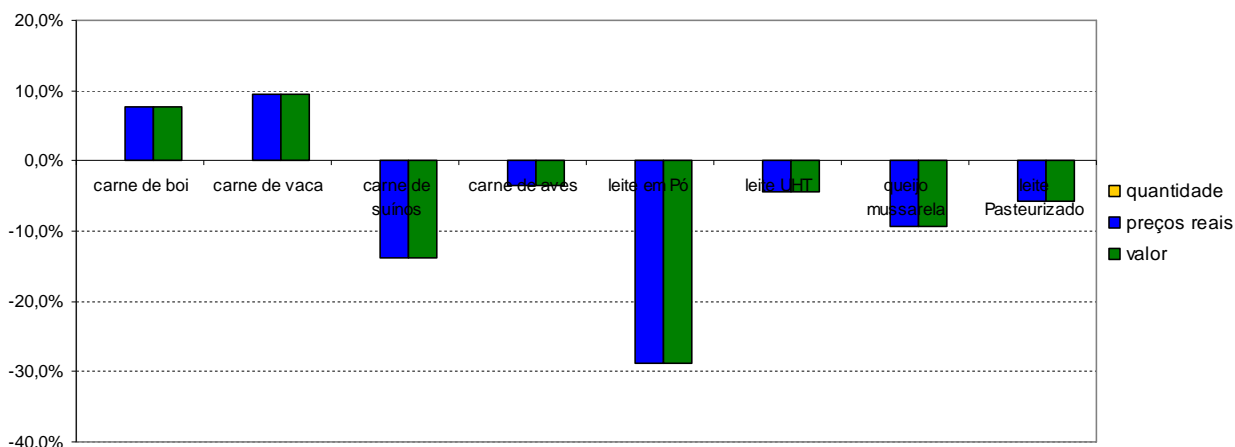


Figura 7. Crescimento do volume, preços reais e faturamento da agroindústria animal (%aa) – 2009/08

Fonte: Cepea-USP / FAEMG / SEAPA (elaborado a partir de dados da FGV, Unica e Abiove).

- **Distribuição:**

O segmento de distribuição do agronegócio recuou 0,13% em fevereiro, basicamente em função da pecuária. Com isso, a taxa de retração acumulada ampliou para 0,41%.

No segmento de distribuição do agronegócio da agricultura houve crescimento de 0,24% em fevereiro, garantindo assim leve expansão no acumulado do ano (+0,19%). Essa *performance* foi garantida pelo bom desempenho das atividades industriais, já que as atividades dentro da porteira sofreram retração.

No segmento de distribuição da pecuária, houve forte retração em fevereiro, com taxa de 0,52%. Considerando o desempenho ruim de janeiro, a taxa acumulada amplia-se para 1,05%. Tanto o desempenho ruim das atividades dentro da porteira como das indústrias conduziram a esses números.

Participações:

Dos quatro segmentos que compõem o agronegócio total, a participação da renda gerada no segmento de insumos não-agropecuários em fevereiro de 2009 foi de 7,52%, do segmento básico, em 40,22%, do industrial, 22,42% e do de distribuição, em 29,85%.

No agronegócio da *agricultura*, as participações em fevereiro de 2009 foram: insumos não-agropecuários, 7,63%, básico, 24,60%, indústria, 37,02% e distribuição, 30,75%.

Já no agronegócio da *pecuária*, houve, em fevereiro as seguintes participações: insumos não-agropecuários, 7,40%; básico, 55,79%, indústria, 7,86%; e distribuição, 28,95%.

2.3 Análises conjunturais gerais

O desenvolvimento da safra 2009/10 de **café arábica** segue satisfatório na maioria das regiões. Segundo colaboradores do Cepea, as chuvas de janeiro e fevereiro foram benéficas às lavouras, garantindo o aumento do calibre do grão, sem atrapalhar os tratos culturais. A variedade deve atingir ponto ideal de maturação em maio, de modo que a colheita poderá iniciar no período normal, desde que o clima esteja favorável - sem ocorrências de chuvas constantes.

Com relação à demanda pelo produto em 2009, de acordo com a Organização Internacional do Café (OIC), o consumo mundial deve aumentar 1,6% em relação ao ano anterior, passando para 130 milhões de sacas de 60 kg, o que corresponde a cerca de 8 milhões de sacas acima da produção da atual safra. Apesar da expectativa de aumento no volume consumido, especialistas observam que a crise financeira mundial já alterou o comportamento de alguns consumidores, que passaram a adquirir produto de qualidade inferior, reduzindo também as compras da bebida em cafeterias.

Em fevereiro, o Indicador CEPEA/ESALQ do arábica tipo 6 bebida dura para melhor teve média de R\$ 269,34/sc de 60 kg, alta de 2,8% sobre a do mês anterior. Apesar das cotações firmes, a volatilidade da bolsa de Nova York (ICE Futures) frustrou expectativas daqueles que esperavam maior liquidez no físico brasileiro. O contrato Maio/09 fechou a 111,9 centavos de dólar por libra-peso no dia 27, queda de 8,2% em relação ao dia 2 de fevereiro. De modo geral, vendedores se mantiveram bastante recuados, com pedidos até R\$ 10,00/sc acima do que compradores ofereciam.

O mercado internacional de **açúcar** está agitado no que diz respeito a especulações de preços. Propostas para embarques imediatos sinalizaram valores elevados. Esse interesse de importadores reforça o suporte às cotações internas, já puxadas pelo estoque baixo de açúcar branco e também por altas na cotação de petróleo. No mercado *spot* brasileiro, a demanda segue aquecida. Segundo a Organização Internacional de Açúcar (OIA), o déficit mundial de açúcar para 2008/09 deve atingir 4,3 milhões de toneladas – em novembro foi estimado em 3,6 milhões. Isso se deve à redução na estimativa da oferta global, passando de 162,3 para 161,53 milhões de toneladas. Para a empresa britânica *Czarnikow*, a previsão do déficit é de 10,4 milhões de toneladas nessa safra – em novembro era de 5,8 milhões.

No mercado paulista de açúcar cristal, em fevereiro, a média mensal do Indicador CEPEA/ESALQ foi de R\$ 44,77/saca de 50 kg, aumento de 21,96% em relação a janeiro.

Em fevereiro, o Indicador CEPEA/ESALQ do álcool **anidro** caiu 1,48% frente ao mês anterior, com cotação média de R\$ 0,8603/litro (sem impostos). O Indicador do **hidratado** teve pequena baixa de 0,48% na comparação dos dois meses, a R\$ 0,7776/litro em fevereiro. Usinas que reservaram seus estoques para vendas na entressafra seguiram interessadas em escoá-los devido aos baixos preços, da proximidade da colheita 2009/10 e de necessidades extras de caixa.

As relações entre os preços dos álcoois e do açúcar mostraram que o açúcar remunerou 59% mais que o etanol anidro e 67% mais que o etanol hidratado, em média, no estado de SP. Considerando os dois tipos de álcool, o anidro remunerou, em média, cerca de 5% mais que o hidratado.

Os preços do **milho** estiveram em baixa no correr de fevereiro. A pressão veio da menor demanda, já que compradores apostavam em novas quedas decorrentes da colheita, que aumentou tanto a oferta do produto novo como do estocado. No Centro-Oeste, os recuos foram reforçados pela prioridade ao armazenamento da soja, o que requer a liberação de espaço. Apesar das desvalorizações do milho, o volume de negócios esteve pequeno em praticamente todas as praças pesquisadas pelo Cepea.

Depois de adquirir bons volumes em janeiro, compradores voltaram a negociar apenas da “mão para a boca”, diminuindo a efetivação de contratos antecipados. Além disso, o ritmo de negócios para exportação também perdeu força, devido à queda nas cotações externas. No acumulado de fevereiro, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa (região de Campinas – SP) caiu 9,5%, fechando a R\$ 21,23/sc de 60 kg no dia 27. A média mensal foi 8,7% inferior à de jan/09.

No dia 10 de fevereiro, o USDA divulgou relatório sobre oferta e demanda mundiais. O Departamento manteve a previsão de estoques finais de milho para a safra 2008/09 em 136,7 milhões de toneladas, contrariando expectativas de que haveria redução. Apesar de o USDA ter diminuído a estimativa de safra no Brasil e Argentina, em 15,5% e 35,3%, respectivamente, a produção e o consumo mundiais deverão se manter.

Em Minas Gerais, a colheita do milho avançou na segunda quinzena de fevereiro, com o cereal colhido apresentando qualidade abaixo do esperado. Além disso, indústrias e granjeiros, que consomem grande volume, já haviam efetuado as compras antecipadamente, fato que também influenciou as quedas dos preços no período.

As cotações da **soja e derivados** iniciaram fevereiro em alta, sustentadas pela previsão de menor oferta brasileira e argentina, ocasionada pela estiagem nas principais regiões produtoras desses países. Entretanto, os preços despencaram na segunda quinzena do mês, registrando os menores patamares do ano. A melhora no clima no Brasil e na Argentina, o avanço da colheita nacional, a fraqueza nos mercados de ações e de petróleo e a instabilidade financeira influenciaram as quedas da soja e derivados. Além disso, o relatório do USDA sobre oferta e demanda mundial, divulgado em fevereiro, previu impacto menor da seca na produção da América do Sul, contrariando agentes.

Os preços do farelo de soja, mesmo fechando fevereiro em baixa, ainda se mantiveram acima dos níveis observados no início de 2009. De 30 de janeiro ao dia 27 de fevereiro, este derivado acumulou queda de 10,2% nas principais praças pesquisadas pelo Cepea. O USDA apontou queda na produção mundial de farelo, nas transações internacionais, no consumo doméstico e nos estoques de passagem.

Para o óleo de soja, o departamento norte-americano apontou decréscimos expressivos de 14% das transações internacionais da safra 2007/08 para a 2008/09 e dos estoques de passagem (14,5%). De acordo com pesquisas do Cepea, o preço do óleo em São Paulo com 12% de ICMS recuou 10,8% no acumulado de fevereiro.

O relatório do USDA também diminuiu a estimativa da produção mundial da safra 2008/09, para 224,2 milhões de toneladas, baixa de 4,9% sobre a estimativa de janeiro, mas ainda 1,5% maior que a safra 2007/08. A queda apontada para a produção brasileira é de 6,6% em relação à safra anterior, de 5,2% para a argentina e de 41,2% para a paraguaia.

De forma geral, a melhora no clima e a desvalorização do dólar frente ao Real pressionaram as cotações no início de fevereiro. Tal enfraquecimento dos preços reduziu o ritmo de vendas antecipadas. Entre os negócios efetivos, a maioria das vendas realizadas foi em função da necessidade de compradores que aceitaram pagar um pouco mais pelo produto.

No setor **pecuário**, o mês de fevereiro foi marcado por preços em baixa para todo o setor. O Indicador do bezerro ESALQ/BM&FBovespa (Mato Grosso do Sul) recuou 0,5% em fevereiro, passando para R\$ 628,47/cabeça no dia 27. Para o boi gordo, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa (São Paulo) acumulou baixa de 4,8%, para R\$ 79,89/arroba. A carcaça casada de boi negociada no mercado atacadista da Grande São Paulo desvalorizou 3% em fevereiro, com o quilo a R\$ 5,03 no dia 27.

Agentes de todos os segmentos do setor pecuário agiram com forte cautela, devido à inconsistência dos fundamentos de oferta e demanda para médio e longo prazos. Pecuaristas e representantes de frigoríficos negociaram o estritamente necessário para o atendimento de suas

necessidades de curto prazo. Com isso, variações nos preços desses segmentos ocorreram de acordo com as condições dos agentes envolvidos em cada negócio específico.

No mercado de reposição, as quedas consecutivas registradas desde meados de julho do ano passado continuaram. De acordo com colaboradores do Cepea, a baixa demanda é o principal motivo para as quedas do preço do bezerro, visto que a oferta seguiu reduzida.

O preço do **leite** pago aos produtores, seguindo as expectativas da maior parte dos compradores ouvidos pelo Cepea em janeiro, manteve-se praticamente estável em fevereiro. Com isso, o mercado lácteo completa três meses consecutivos sem alterações significativas no preço médio ao produtor.

Apesar de estável, o nível dos preços não estimula a produção. Em janeiro, pela primeira vez no histórico do Índice de Captação de Leite (ICAP-L) do Cepea (iniciado em junho de 2004), registrou-se que, por cinco meses seguidos, o volume captado em um mês foi menor que o do mesmo período no ano anterior – jan/09-jan/08, dez/09-dez/08 e assim sucessivamente. Mesmo com as boas chuvas na maioria das regiões leiteiras, o ICAP-L/Cepea mostra que o volume de janeiro de 2009 foi 1,25% menor que o de dezembro de 2008 e cerca de 8% inferior ao de janeiro do ano passado.

Na média ponderada dos sete estados considerados para a composição da “média Brasil” (RS, SC, PR, SP, MG, GO e BA), o preço bruto (sem o desconto do frete e de 2,3% da CESSR) de fevereiro, referente ao leite entregue em janeiro, foi de R\$ 0,5981/litro, alta mínima de 0,21% sobre janeiro.

3. Conclusões e recomendações

O agronegócio mineiro completa o segundo mês do ano com resultados pouco animadores, embora sejam melhores do que os de janeiro. O contexto de crise, com preços e produção em queda em 2009, se dá em todo o território nacional, ainda que com intensidade diferenciada.

No caso de Minas Gerais, atividades agrícolas importantes como o café, carvão vegetal e milho são prejudicadas pela menor oferta e também pela acentuada queda de preços. Para o café, a redução da produção já era esperada em função da bianualidade, mas a queda de preços vem sendo pressionada por mudanças do lado da demanda internacional, o que é reflexo da crise financeira. O bom momento para a indústria do açúcar e álcool – na contramão da crise - ajuda a amenizar os reflexos negativos do cenário atual.

Do lado da pecuária, os números são ainda piores do que se verifica na agricultura. A queda acentuada de preços de produtos lácteos, carne suína, ovos e frango, dentro e fora da porteira, dominam o contexto do setor. Embora os números da produção ainda não estejam disponíveis, o menor nível de preços desanima o produtor, o que deve levar a restrições na oferta. O que tem ajudado, pelo lado do produtor, é o contexto de custos de alimentação em queda.

Os mercados agropecuários em geral permanecem na expectativa de qual será a duração da crise atual. Alguns países consumidores de porte parecem acenar para um crescimento econômico menor, mas ainda considerável relativamente ao resto do mundo. Por outro lado, o lado creditício da crise parece ainda bastante retraído, com os governos procurando cobrir – ainda que parcialmente - as lacunas deixadas pela fuga de capitais das grandes empresas e bancos privados. É possível uma melhora lastreada apenas numa demanda moderada, mas com crédito limitado? Afora a crise, as condições climáticas no mundo – ora surpreendendo favoravelmente, ora desfavoravelmente – aumentam a imprevisibilidade nos mercados. Difícil a vida dos produtores rurais!

4. Tabelas de dados

Tabela 1 – Taxas de crescimento mensais e acumuladas no ano do PIB do agronegócio de Minas Gerais em 2009/2008 (%)

AGRONEGÓCIO					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
Janeiro/08	3,90	2,05	-0,24	0,95	1,28
Fevereiro/08	4,00	2,64	0,33	1,52	1,84
Janeiro/09	0,05	-1,08	0,61	-0,29	-0,39
Fevereiro/09	-0,14	-0,90	0,77	-0,13	-0,24
Acum. no ano (2008)	8,06	4,74	0,10	2,49	3,14
Acum. no ano (2009)	-0,08	-1,97	1,38	-0,41	-0,63

AGRICULTURA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
Janeiro/08	4,88	1,83	-0,69	-0,03	0,46
Fevereiro/08	4,58	3,04	-0,08	0,76	1,23
Janeiro/09	0,78	-2,26	0,85	-0,05	-0,23
Fevereiro/09	0,48	-1,81	1,06	0,24	0,05
Acum. no ano (2008)	9,68	4,92	-0,77	0,73	1,69
Acum. no ano (2009)	1,27	-4,03	1,92	0,19	-0,18

PECUÁRIA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
Janeiro/08	3,00	2,15	1,89	2,06	2,16
Fevereiro/08	3,45	2,45	2,21	2,37	2,48
Janeiro/09	-0,67	-0,54	-0,50	-0,53	-0,55
Fevereiro/09	-0,77	-0,49	-0,59	-0,52	-0,53
Acum. no ano (2008)	6,56	4,65	4,14	4,49	4,69
Acum. no ano (2009)	-1,44	-1,03	-1,09	-1,05	-1,07

Fonte: Cepea-USP / FAEMG / SEAPA

Tabela 2 – Taxas de crescimento anual do agronegócio de 2002 a 2009

AGRONEGÓCIO					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2002	14,38	3,67	5,92	4,02	4,93
2003	14,51	4,08	10,41	6,89	7,11
2004	7,83	19,47	-5,97	6,20	8,40
2005	1,27	-11,78	8,16	-2,29	-3,82
2006	-2,59	13,91	22,58	17,03	15,75
2007	13,64	6,75	0,22	4,54	4,83
2008	33,14	22,41	5,51	13,36	16,25
2009*	-0,08	-1,97	1,38	-0,41	-0,63

AGRICULTURA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2002	9,46	1,08	8,83	6,26	5,80
2003	15,74	-2,50	12,46	7,75	6,99
2004	9,77	16,48	-8,04	-1,05	1,47
2005	-3,45	-3,32	9,10	4,93	3,38
2006	-6,51	0,02	27,87	19,26	15,49
2007	22,39	-1,42	-3,63	-3,06	-1,65
2008	38,66	20,38	5,09	9,12	12,04
2009*	1,27	-4,03	1,92	0,19	-0,18

PECUÁRIA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2002	19,21	5,39	-5,38	1,32	3,90
2003	13,40	8,31	1,24	5,81	7,26
2004	6,04	21,20	4,34	15,51	16,80
2005	5,76	-16,47	4,02	-10,22	-11,40
2006	0,82	22,83	-1,67	14,17	16,06
2007	6,59	11,03	23,20	14,74	12,76
2008	28,03	23,35	7,51	18,17	20,75
2009*	-1,44	-1,03	-1,09	-1,05	-1,07

Fonte: Cepea-USP / FAEMG / SEAPA

- Taxas de crescimento acumuladas até fevereiro de 2009.

Tabela 3 – PIB do agronegócio de Minas Gerais de 2001 a 2009 (R\$ milhões de 2009)

AGRONEGÓCIO					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	3.331	22.622	13.389	17.484	56.827
2002	3.810	23.451	14.182	18.187	59.630
2003	4.363	24.409	15.658	19.440	63.870
2004	4.705	29.162	14.724	20.646	69.237
2005	4.764	25.727	15.925	20.174	66.590
2006	4.641	29.306	19.521	23.609	77.077
2007	5.274	31.283	19.563	24.682	80.802
2008	7.022	38.293	20.642	27.979	93.936
2009*	7.016	37.540	20.927	27.863	93.346

AGRICULTURA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	1.650	9.071	10.649	9.539	30.909
2002	1.806	9.169	11.589	10.137	32.701
2003	2.090	8.940	13.033	10.922	34.986
2004	2.295	10.413	11.985	10.807	35.500
2005	2.215	10.067	13.075	11.340	36.698
2006	2.071	10.069	16.719	13.524	42.384
2007	2.535	9.926	16.111	13.110	41.682
2008	3.515	11.949	16.931	14.306	46.700
2009*	3.559	11.467	17.256	14.333	46.615

PECUÁRIA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	1.681	13.551	2.740	7.945	25.918
2002	2.004	14.282	2.593	8.050	26.929
2003	2.273	15.469	2.625	8.518	28.884
2004	2.410	18.749	2.739	9.839	33.737
2005	2.549	15.660	2.849	8.833	29.892
2006	2.570	19.236	2.802	10.085	34.693
2007	2.739	21.357	3.452	11.571	39.120
2008	3.507	26.344	3.711	13.674	47.237
2009*	3.457	26.073	3.671	13.531	46.731

Fonte: Cepea-USP / FAEMG / SEAPA

* tomando como base a taxa de crescimento acumulada de janeiro a fevereiro de 2009.

Tabela 4 – Participação do PIB do agronegócio de Minas Gerais no agronegócio nacional (%)

AGRONEGÓCIO					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	9,61	13,12	6,93	8,83	9,50
2002	9,44	12,15	6,94	8,53	9,16
2003	9,57	11,31	7,45	8,76	9,21
2004	10,02	13,63	6,67	9,00	9,73
2005	11,31	13,33	7,20	9,09	9,82
2006	11,37	15,51	8,59	10,54	11,32
2007	11,38	14,76	8,25	10,31	10,99
2008	12,62	15,71	8,68	11,23	11,95
2009*	12,75	15,49	8,83	11,23	11,93

AGRICULTURA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	7,35	9,59	6,60	7,10	7,49
2002	6,96	8,22	6,73	6,88	7,16
2003	7,03	6,91	7,31	7,07	7,11
2004	7,51	8,19	6,38	6,74	7,02
2005	8,51	9,37	6,92	7,35	7,70
2006	8,10	9,40	8,50	8,46	8,66
2007	8,63	8,25	7,89	7,77	7,98
2008	9,56	8,46	8,32	8,28	8,42
2009*	9,75	8,23	8,51	8,35	8,47

PECUÁRIA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	13,78	17,42	8,64	12,47	13,98
2002	13,87	17,54	8,04	12,19	13,87
2003	14,35	17,88	8,22	12,62	14,32
2004	14,71	21,58	8,32	14,25	16,44
2005	15,85	18,30	8,84	13,10	14,85
2006	16,84	23,53	9,12	15,73	18,08
2007	16,14	23,31	10,43	16,36	18,42
2008	18,59	25,72	10,85	17,93	20,38
2009*	18,66	25,33	10,75	17,70	20,14

Fonte: Cepea-USP / FAEMG / SEAPA

* Participações com base nos PIBs até fevereiro de 2009.

Tabela 5 - Ponderações utilizadas para cada segmento do PIB do agronegócio de Minas Gerais para o ano de 2009

Segmento Básico			
Agricultura		Pecuária	
	Part. % 2009		Part. % 2009
Café	36,80	Leite cru ou resfriado adquirido	22,85
Cana-de-açúcar	8,61	Boi vivo	37,24
Milho	13,56	Frango vivo	9,00
Soja	10,60	Vaca viva	21,41
Carvão vegetal	9,48	Suíno vivo	6,40
Feijão	8,84	Ovos de galinha	3,09
Batata - inglesa	3,96	Total	100,00
Banana	2,57		
Tomate	2,58		
Laranja	1,08		
Algodão herbáceo	0,44		
Mandioca	0,78		
Arroz	0,69		
Total	100,00		

Segmento Insumos			
Insumos para a Pecuária		Insumos para a Agricultura	
	Part. % 2009		Part. % 2009
Alimentos para animais	61,46	Adubos, Fert. e Cor. Solo	87,67
Adubos, Fert. e Cor. Solo	25,74	Combustíveis e Lubrif.	12,33
Combustíveis e Lubrificantes	12,80	Total	100,00
Total	100,00		

Segmento Industrial			
Indústria da Pecuária		Indústria Agrícola	
	Part. % 2009		Part. % 2009
Leite UHT	17,99	Álcool hidratado	31,14
Leite em Pó Industrial integral	14,45	Indústria do açúcar	12,40
Queijo mussarela	14,21	Álcool anidro	13,44
Carne de aves	14,89	Celulose, papel e produtos de papel	16,58
Carne de boi	15,78	Indústria do café	10,45
Carne de suíno	9,74	Indústria têxtil	5,48
Carne de vaca	8,56	Óleos vegetais refinado	6,56
Leite Pasteurizado	4,38	Indústria de bebidas	3,35
Total	100,00	Indústria do fumo	0,60
		Total	100,00

Fonte: Cepea-USP / FAEMG / SEAPA

Obs: As ponderações do presente ano derivam do valor bruto da produção do setor do ano anterior.